

**RELAÇÕES DE GÊNERO E A FORMAÇÃO DAS AGENTES  
COMUNITÁRIAS DE SAÚDE NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**Anna Violeta R. Durão<sup>1</sup>**Resumo**

O artigo resgata o conceito de experiência e de cultura em E. P. Thompson, clareando como os conceitos do autor ajudam a entender o processo de institucionalização das ACS no município do Rio de Janeiro. Ressalta a importância da experiência dessas mulheres para a constituição da sua profissão, considerando como uma perspectiva de gênero relaciona-se com a formação dessas trabalhadoras. Aponta para uma mudança na cultura do trabalho das agentes a partir da Reforma da Atenção Primária realizada pela Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil em 2009, na qual se adota “novas” formas de gestão que ressignificam o sentido do seu trabalho.

**Palavras-chave:** gênero, formação e agentes comunitárias de saúde.

**Abstract**

The article rescues the concept of experience and culture in E. P. Thompson, brightening as the author of the concepts help to understand the ACS institutionalization process in the municipality of Rio de Janeiro. Emphasizes the importance of the experience of these women to the constitution of their profession, considering how a gender perspective relates to the formation of these workers. Points to a change in the work culture of the agents from the Reform of Primary held by the Municipal Health and Civil Defense in 2009, which is adopted "new" forms of management that resignify the meaning of their work.

**Keywords:** gender, education and community health agents.

---

<sup>1</sup> Professora/Pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fiocruz. E-mail-violetadurao@fiocruz.br

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

## Introdução

O artigo em tela surgiu dos questionamentos suscitados pelas pesquisas *Qualificação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS): dinâmica e determinantes* e *Qualificação e gênero no trabalho das agentes comunitárias de saúde*.<sup>2</sup> Na primeira, o enfoque da análise privilegiou a percepção dos gestores sobre o papel dessas profissionais no Sistema Único de Saúde (SUS). Na segunda, buscou-se traçar as trajetórias de vida e de trabalho das agentes no município do Rio de Janeiro, procurando capturar como a perspectiva de gênero presente na política vinha afetando a constituição da profissão<sup>3</sup>.

Segundo fontes do Departamento de Atenção Básica<sup>4</sup> da Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação em Saúde, existia, em 2012, no município do Rio de Janeiro, cerca de 4.400 agentes, que atendiam aproximadamente 40% da população. Embora não se tenha dados estatísticos sobre o percentual de mulheres na profissão, verifica-se, a olhos vistos, a sua predominância. Em grande medida, o domínio feminino na atividade é decorrente da política de estado que privilegiou a contratação de mulheres que, devido ao trabalho realizado no âmbito doméstico, favoreciam a disseminação de cuidados em saúde para o restante da população (Durão et al., 2013).

---

<sup>2</sup> Essas pesquisas foram realizadas pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e os seus resultados estão disponíveis nos livros: *Para além da comunidade: o trabalho e a qualificação dos agentes comunitários de saúde* (Vieira; Durão; Lopes, 2011) e *Trabalhadores técnicos da saúde: aspectos da qualificação profissional no SUS* (Morosini et al., 2013).

<sup>3</sup> O resultado dessas pesquisas trouxe novos questionamentos sobre a institucionalização do trabalho das agentes, para os quais se pretende dar continuidade na tese de doutoramento intitulada *Relações de gênero na conformação de uma nova morfologia do trabalho: o fazer-se das agentes comunitárias de saúde no município do Rio de Janeiro*. Tese em andamento no programa de Pós-Graduação em Educação da UFF, sob a orientação da Prof. Dra. Lia Tiriba.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://dab.saude.gov.br>. Acesso em: 1 dez. 2014.

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

No município do Rio de Janeiro o Programa de Saúde da Família (PSF) começou a se espalhar a partir de 1999, quando se ampliou a rede básica de assistência. As áreas priorizadas pelo Programa foram locais considerados de risco à saúde com grande concentração populacional. As ACS foram as principais profissionais que atuaram na sua implantação. A duras penas, as agentes foram solidificando uma cultura do trabalho que lhes davam uma identidade profissional e certo reconhecimento social.

Em 2009, a Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, com a Reforma da Atenção Primária, passou a reestruturar o trabalho das ACS no PSF com o objetivo de expandir a cobertura para 70% da população até 2016. Nesse contexto, o trabalho das agentes foi reconfigurado, sendo mais fortemente marcado pelas novas formas de gestão. Essas transformações atingiram a cultura de trabalho das agentes, tensionando o fazer dessas trabalhadoras.

Acredita-se que o aporte teórico de E. P. Thompson traz importantes contribuições para investigar o processo de profissionalização das ACS, pois o autor instiga a análise sobre como essas trabalhadoras vêm pensando e vivendo essas mudanças e as formas de conformação e resistência com que experimentam a exploração da sua força de trabalho. Nesse sentido, o conceito de experiência e o conceito de cultura são fundamentais para se entender essas transformações.

Este artigo é um estudo exploratório que busca analisar, à luz do trabalho de Thompson, novas questões sobre a conformação do trabalho das ACS no município do Rio de Janeiro. Para tanto, primeiramente, resgata os conceitos de cultura e de experiência do autor, para depois tecer algumas articulações entre o seu pensamento e a formação das ACS. Para finalizar, elenca uma série de perguntas que vieram à tona com este estudo e que serão aprofundadas na pesquisa de doutorado em curso.

## 1. Cultura e experiência em E. P. Thompson

Thompson (1924-1993), historiador britânico, tornou-se professor de história na Universidade de Leeds, dedicando-se a educação de adultos em cursos denominados extramuros, promovidos pelo Partido Comunista da Grã Bretanha (PCGB) para sindicalistas e trabalhadores. Foi membro do PCGB e, junto com outros pensadores de peso, tais como Eric Hobsbawn, Christopher Hill, Dorothy Thompson, entre outros, formou um grupo de historiadores no interior do Partido que se tornou um importante núcleo de elaboração teórica dentro do marxismo. Em 1956, Thompson abandonou o PCGB, desiludido com os acontecimentos que ocorriam na União Soviética, principalmente, com as denúncias dos crimes de Stalin que vieram a público na época. Contribuíram também para o seu afastamento a invasão da Hungria e a censura ao jornal *The Reasoner* do PCGB.

A partir de então dedicou-se à Campanha pelo Desarmamento Nuclear e, com John Saville, começou a publicar o jornal *The New Reasoner*, que deu origem ao movimento político que ficou conhecido como Nova Esquerda. Esse movimento desejava construir um marxismo humanista com ênfase na capacidade humana para construção de um novo projeto societário (Fortes; Negro; Fontes, 2001; Vendramini; Tiriba, 2014). Thompson fez severas críticas ao estruturalismo, principalmente, ao pensamento de Althusser que, nas suas palavras, elaborou um “teorismo a-histórico” que tinha estreita correspondência com o idealismo que Marx tanto criticou (Thompson, 1981). Assim, Thompson

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

vai de encontro a uma corrente do marxismo que considerava prioridade metodológica enfatizar as pressões determinantes do ser sobre a consciência. Para tanto, o autor resgata a experiência dos trabalhadores, ressaltando o seu protagonismo na construção histórica da sua formação (Thompson, 2012).

Em suas análises sobre a formação da classe operária inglesa, nos anos entre 1780 e 1830, busca perceber a relação entre o ser social e a consciência, recuperando as experiências históricas construídas por homens e mulheres no embate entre classes. Assim, distancia-se de uma visão anti-histórica que entende classe como categoria estrutural e coloca acento na luta, tentando compreender como visões antagônicas de mundo se contrapunham/alinhavam na concretude do real (Mattos, 2012). Assim, para Thompson, classe é uma relação histórica que “precisa estar sempre encarnada em pessoas e contextos reais” (Thompson, 2012, p. 10).

Nesse sentido, ao colocar acento no fazer-se da classe trabalhadora inglesa, busca resgatar tanto as mudanças econômicas que estavam ocorrendo, como os embates que essas transformações geravam nas formas de vida e trabalho da população, sublinhando, dessa maneira, que a formação da classe trabalhadora não ocorre de uma hora para outra, mas é um processo ativo, resultante tanto dos condicionamentos econômicos, quanto da ação humana (Thompson, 2012). O autor procura por em relevo a história “vista de baixo”, distanciando-se de generalizações que ocultavam a luta de classe e a reduziam à história dos dominantes. Para tanto, recupera a dimensão cultural da formação da classe trabalhadora inglesa, reconstruindo a história dos trabalhadores pré-industriais e os seus modos de vida (Vendramini e Tiriba, 2014).

Nessa *démarche*, privilegia a análise dos diversos aspectos da vida da plebe que se confrontava com uma nova forma de viver emergente. Dois

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

conceitos tornam-se fundamentais para o autor: o conceito de experiência e o conceito de cultura.

Embora, como o próprio autor sublinha, o conceito de experiência seja imperfeito, este contribui para se entender como se dá a relação entre ser social e consciência, “já que compreende a reposta mental e emocional de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições” (Thompson, 1981, p. 15). Há, portanto, um permanente diálogo entre as condições concretas de vida e o pensamento, bem como entre o ser social e a consciência social (Vendramini; Tiriba, 2014). Nesse sentido, o historiador britânico elucida que:

(...) a questão que temos imediatamente à nossa frente não é dos limites da experiência, mas a maneira de alcançá-la, ou produzi-la. A experiência surge espontaneamente no ser social, mas não surge sem pensamento. Surge porque homens e mulheres (e não apenas filósofos) são racionais, e refletem sobre o que acontece a eles e ao seu mundo. (Thompson, 1981, p. 16)

Thompson (1981) busca entender como, através das várias experiências grupais e individuais vivenciadas nos embates do cotidiano, podia se formar uma experiência modificada, ou seja, como se construía um amálgama entre as experiências individuais e coletivas e como através destas os homens e as mulheres modificavam a sua percepção sobre a realidade. Nas palavras do autor:

(...) como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismo, e em seguida tratam essa experiência em

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, 'relativamente autônomas') e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através de estruturas de classe resultante) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (Thompson, 1981, p. 182)

Nota-se, portanto, que ao por acento na categoria experiência, Thompson põe em relevo o protagonismo dos sujeitos e a sua capacidade de refletir sobre o que vivenciam. Para resgatar essas experiências e salientar a sua importância na formação da classe trabalhadora inglesa, o autor se debruça sobre as formas culturais em que a sociedade se alicerçava e sobre as mudanças socioeconômicas que modificavam as formas de viver.

Sendo assim, percebe-se que o conceito de cultura é indissociável do conceito de classe, pois não se pode pensar o ser social desarticulado dos elementos da cultura hegemônica de um determinado modo de produção. No entanto, os trabalhadores na luta pela satisfação das necessidades de sua existência, cultivam valores próprios que são intrínsecos ao seu modo de vida que ora, resistem, ora se aliam à cultura dominante.

Ao trabalhar com o conceito de cultura, o autor critica não só os folcloristas do século XVIII que resgatavam os costumes da plebe como uma curiosidade do passado, como também a posição de historiadores sociais seus contemporâneos que, ao analisar a cultura popular, generalizam o conceito, tratando-a como se fosse um bloco homogêneo. Assim, vai de encontro aos folcloristas por verem a cultura como uma forma peculiar e plural de costumes descontextualizados que sobreviveram à cultura patricia.

Buscando superar essa visão fragmentada e descontextualizada do passado, analisa como esses costumes faziam parte de uma conjuntura, na medida em que se relacionavam com uma "ambiência, mentalité, um vocabulário

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

completo de discursos, de legitimação e de expectativa” (Thompson, 1998, p. 14). Com isso, aponta que esses costumes faziam parte de uma racionalidade que compunha uma rotina de trabalho que alicerçava as formas de viver. Colocando em relevo o contexto no qual o costume se materializava, o autor sinaliza que este não era estático, pelo contrário, era um campo onde ocorriam disputas, onde interesses opostos entravam em contradição.

Ao fazer a crítica aos historiadores sociais que generalizam o conceito de cultura, entendendo-a como “sistemas de atitudes, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas (desempenhos e artefatos) em que se acham incorporados” (Peter Burger apud Thompson, 1998, p. 17), o autor destaca também a forma descontextualizada da utilização do conceito. Para Thompson, a cultura na visão desses historiadores apresenta-se como um aspecto consensual que negligencia o fato de que os elementos culturais também estão em relação e, portanto, há um confronto entre as posições de classe no conjunto da cultura. Assim, é na cultura que as contradições entre classes se expressam e ganham concretude na luta de interesses em um determinado momento histórico. É na tessitura econômica e social que as classes entram em relação:

Trata-se também que nunca houve um tipo isolado de ‘transição’. A ênfase recai sobre toda a cultura: a resistência à mudança e sua aceitação nascem de toda a cultura. Essa cultura expressa os sistemas de poder, as relações de propriedade, as instituições religiosas etc., e não atentar para esses fatores simplesmente produz uma visão pouca profunda dos fenômenos e torna a análise trivial. (Thompson, 1998, p. 288-289)

Nota-se que Thompson, ao contextualizar a cultura e os costumes populares, faz um duplo esforço de análise. De um lado, o autor procura resgatar

as singularidades da formação da classe trabalhadora inglesa, trazendo a experiência de diversos trabalhadores que viveram as formas de exploração vigentes. De outro, busca compreender como essas diferentes experiências permitiram uma tessitura social que se opunham a visão da *gentry*.

## **2. A Experiência e o “fazer-se” das agentes comunitárias de saúde.**

Fazer-se é um termo utilizado por Thompson para enfatizar o protagonismo da classe trabalhadora na sua constituição. Optou-se pela utilização desse termo na análise do trabalho das agentes, por este se contrapor tanto a uma visão essencialista do que é ser mulher, presente nas políticas de qualificação das agentes, quanto a concepções que entendem qualificação como vínculo linear entre formação e mercado de trabalho.

Assim, quando se busca analisar a relação entre a perspectiva de gênero e as políticas de qualificação das ACS, pretende-se colocar em relevo as contradições entre o direcionamento dado pelo estado e o próprio autofazer dessas trabalhadoras. Os conceitos de experiência e de cultura em Thompson são uma ferramenta útil para se compreender como vem se constituindo essa relação.

A importância do autor para se compreender o protagonismo das mulheres na história não é consensual no feminismo. Como ressalta Frader (2014), várias autoras fizeram críticas a Thompson por ele ter subalternizado a importância das mulheres, não as incluindo na história universal dos homens.

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

A crítica feminista às análises de Thompson (1998) pode ser mais bem analisada quando se toma por referência o debate que o seu controverso texto *Venda de esposas* provocou no final da década de 1970. Nessa pesquisa, o autor investiga os costumes da plebe, pelas quais as esposas eram vendidas em espaços públicos, consolidando, através desse ritual, a dissolução do casamento. Sua intenção era desvelar os estereótipos da classe média que via essa prática como imoral.

O trabalho teve uma forte reação do movimento feminista que o acusava de uma visão masculina da história. Como o próprio Thompson (1998) salientou, a sua pesquisa não tinha como objetivo a análise da opressão feminina e, talvez por isso, como admitiu, o tema tenha ficado subordinado. Vale a pena destacar as palavras do autor sobre o debate:

Se apenas vemos patriarcado nas relações entre homens e mulheres, podemos estar perdendo outros dados importantes – e importantes tanto para as mulheres, quanto para os homens. A venda da esposa certamente nos fala de dominação masculina, mas isso é algo que já conhecemos. O que não podíamos saber, sem a pesquisa, é o pequeno espaço para afirmação pessoal que a prática podia proporcionar à esposa. (Thompson, 1998, p. 345)

Nota-se, em toda a obra de Thompson, um esforço em se debruçar sobre a história, se despreendendo das imagens preconcebidas e resgatando a cultura da plebe que foi ou estereotipada, ou apagada da história. Assim, o autor busca caracterizar como, em meio às contradições impostas, os costumes permitiam confrontar a posição hegemônica e, nesse teatro dos valores, romper com o cerceamento imposto pelo matrimônio e à condição das mulheres. Enfatiza dessa forma que a cultura costumeira, não é, inteiramente, subordinada à cultura da classe dominante (Tiriba; Sichi, 2011).

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

Assim, ainda que as mulheres não fossem objeto específico do estudo do autor, suas análises sobrelevam a importância de se entender as relações entre homens e mulheres, decifrando como estas foram construídas em determinados momentos da história e se imbricavam com as formas de refletir e pensar a vida. Ao lançar luz sobre as resistências cotidianas da plebe, Thompson traz a presença das mulheres que foram ou apagadas, ou relegadas a um segundo plano pela história, pois eram “raramente vistas como atores de primeira ordem na vida política, militar ou mesmo econômica” (Thompson, 2001, p. 234). Não por acaso, os estudos do autor abriram um novo caminho na historiografia que permitiu recuperar a história das mulheres trabalhadoras (Gonçalves, 2006).

Na análise do trabalho das ACS, busca-se compreender a experiência de dominação e de exploração presentes e as formas com que essas mulheres se contrapõem à cultura dominante, avaliando em que medida encontram maneiras de resistir, pelo menos em parte, à exploração e à dominação que fazem parte do seu trabalho. Por um lado, procura-se entender quais as implicações de uma visão que entende o trabalho das agentes como inato ao feminino afetam a consolidação do seu trabalho. Por outro, como essas mulheres, na sua experiência de trabalho/vida, constituem o seu ser social e dão sentido ao seu fazer. Para tanto, procura-se resgatar através de uma história vista de baixo, como se consolidou o trabalho das ACS no município do Rio de Janeiro, em que medida uma dada conformação da política se contrasta/coaduna com as suas experiências de vida.

O conceito de experiência em Thompson também permite fazer uma crítica a uma concepção substancialista de qualificação, na qual se busca estabelecer um vínculo linear entre escolarização e mercado de trabalho,<sup>5</sup> pois

---

<sup>5</sup> “Georges Fridmann e Pierre Navill, fundadores da sociologia do trabalho na França, foram os primeiros a refletir sobre o conceito de qualificação, sendo os percussores, respectivamente, das visões ‘substancialista’ e ‘relativista’ presentes no debate sobre o conceito. A visão

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

quando se analisa o trabalho sob uma perspectiva de gênero acentuam-se as incongruências dessa visão.

Como o trabalho do cuidado e da assistência foi entendido como vocação, as habilidades socialmente apreendidas na esfera doméstica não foram valorizadas socialmente, aliás, como ressaltam Hirata e Kergoat (2007), o trabalho realizado pelas mulheres no espaço doméstico foi secundarizado na sociologia por ser entendido como não trabalho.

Assim, pensar a experiência de trabalho das agentes requer, a um só tempo, compreender a aprendizagem tácita apreendida na esfera doméstica e a sua educação formal. O desafio que Thompson traz para essa análise é compreender como essas experiências se imbricam conformando uma cultura de trabalho, marcada sob uma perspectiva de gênero.

O trabalho em saúde por não ser tão normatizado como o trabalho industrial, na medida em que não é possível separar o produtor do seu produto, torna-se mais dependente do trabalho vivo. Essa peculiaridade do trabalho em saúde limita, de certo modo, a lógica capitalista que necessita convencer, seja pela força ou pela persuasão, o trabalhador a ser artífice da sua própria exploração (Kuenzer, 2004). Nesse sentido, o reforço dado pelas políticas de qualificação, na qual se valoriza habilidades tácitas, culturalmente compreendidas como femininas, servem como elemento de apassivamento, tanto das relações de exploração às quais as ACS estão sujeitas, quanto do afastamento do estado das políticas sociais para o restante da população.

---

substancialista busca estabelecer o conteúdo de um determinado trabalho e o tempo de formação necessário para ocupá-lo, tentando com isso apreender a essência do que é trabalho qualificado ou desqualificado. Já a relativista enfatiza que a qualificação é um processo histórico e, portanto, produto da relação social que o próprio trabalho engendra” (Tartuce, 2007; Ramos, 2002).

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

Acrescente-se ainda que o trabalho das agentes imbrica-se com a sua própria vida e com a da comunidade em seu entorno. As suas atividades, contraditoriamente, carregam consigo uma dimensão do trabalho útil que não está diretamente atrelada à reprodução ampliada do capital. Tiriba (2015), ao fazer um balanço sobre as pesquisas no campo do Trabalho e Educação, questiona em que medida não se deixou em segundo plano as determinações da agência humana nesses estudos e aponta a necessidade de se “apreender, não apenas teórica, mas empiricamente o fosso entre estrutura econômica e subjetividade humana” (Tiriba, 2015, p. 128).

Durão e Menezes (no prelo) sinalizam a importância da agência das ACS na constituição da sua identidade profissional, ressaltando que foi o trabalho nos territórios que permitiu às agentes dar sentido à sua atividade. Destacam que no município do Rio de Janeiro, as agentes foram as principais responsáveis pela implantação do Programa de Saúde da Família que passa a se espriar a partir de 1999, facilitando o acesso às áreas subalternizadas pelo poder público. Foi no trabalho com a comunidade que as agentes ao mapear a sua área de trabalho; cadastrar os moradores; escutando diariamente os problemas da população, foram percebendo as dificuldades das famílias assistidas e dando sentido ao seu trabalho.

Destaca-se, portanto, que foi na tessitura das experiências de trabalho construídas no espaço doméstico, no direcionamento dado pela política para a sua atuação e na experiência com a comunidade que as ACS construíram sua identidade profissional e uma cultura do trabalho. Nesta, estão presentes formas de trabalho útil que não se reduzem somente a uma questão de sobrevivência, mas que são fundamentais ao processo de formação humana. Como ressalta Tiriba (2015), nos diversos processos de produção social da existência estão presentes, contraditoriamente, racionalidades que não aderem, inteiramente, à lógica do capital. Pode-se inferir, a partir da formulação da autora, que as ACS,

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

para garantir a reprodução ampliada da vida, criam estratégias de solidariedade que visam amenizar as contradições entre capital e trabalho. Em grande medida, a fusão entre trabalho e família está no âmago desta característica que perpassa o fazer das agentes.

Esse imbricamento entre trabalho e família ganha acento, na atualidade, com as formas flexíveis de produção. Em um campo mais amplo, há uma tendência de “borramento” entre os dois campos que eram considerados como separados, tanto no espaço, quanto no tempo. O espaço da fábrica, com a terceirização da economia, invade o espaço doméstico e, em face do desemprego, a família torna-se um lócus estratégico para minimizar os seus efeitos nefastos, absorvendo atividades de trabalho complementares que possibilitam aos seus membros tanto manter a sobrevivência, quanto se apresentar no mercado de trabalho assalariado (Ttiriba; Sichi, 2011). Com a reestruturação produtiva, reaparecem outras formas de trabalho realizadas no interior da família, como, por exemplo, a utilização da força de trabalho de mulheres e crianças no domicílio com a extensão das cadeias produtivas (Dedeca, 2004). O tempo também se estende, a jornada de trabalho passa a ir além do trabalho regulado pelo cartão de ponto. Nesse contexto, perde-se a sintonia entre dois tempos simbolizados “pela existência dos dois relógios de ponto mantidos em regimes distintos” (Dedeca, 2004, p. 32).

Thompson (1998), ao resgatar a passagem da notação do tempo da sociedade pré-capitalista para a industrial, estimula a análise sobre a junção entre tempo e espaço no trabalho das agentes. O autor investiga os diversos elementos culturais que demarcaram o deslocamento do tempo regido pelas tarefas e a paulatina introdução do relógio que marcará o controle e a disciplina do trabalho nas fábricas. Sendo assim, destaca três questões sobre o trabalho orientado por tarefas:

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

Primeiro, há a interpretação de que é mais humanamente compreensível do que o trabalho com horário marcado. O camponês ou o trabalhador parece cuidar do que é uma necessidade. Segundo, na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre trabalho e vida. As relações sociais e o trabalho são misturados - o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa - e não há grande centro de conflito entre trabalhar e passar o dia. Terceiro, aos homens acostumados com o trabalho marcado pelo relógio, essa atitude para com o trabalho parece perdulária e carente de urgência. (Thompson, 1998, p. 272)

Com a consolidação do trabalho pelo capitalismo, a regulação da jornada de trabalho veio separar o tempo para produção econômica do tempo para reprodução social. Na divisão sexual do trabalho, as tarefas necessárias à reprodução passam a se circunscrever a locais bem delimitados de atuação, sendo o trabalho doméstico realizado pelas mulheres significativo desse tipo de trabalho. Thompson (1998) sinaliza que o ritmo do trabalho por tarefas só era tolerável, porque não se dava por imposição externa, sendo compreendido como trabalho necessário e inevitável para a reprodução social.

Em grande medida, na estrutura social do capitalismo, a necessidade de atender à família, tanto objetivamente, quanto subjetivamente, ficou sob o encargo das mulheres. Não por acaso, um dos caminhos que as mulheres trilharam para a sua inserção no mercado de trabalho se deu em profissões com características similares a da esfera doméstica, ligadas às atividades de cuidados, tais como a enfermagem e o magistério (Safioti, 2013; Neves et al., 2013).

Nesse mesmo sentido, o trabalho doméstico das agentes foi estendido para as áreas onde moram/trabalham. No Nordeste, onde, primeiramente, se utilizou o trabalho das agentes como política pública, as tarefas realizadas em

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

casa, por exemplo, cuidados caseiros para diminuir determinadas doenças ou a importância do aleitamento materno, passaram a ser funções dessas trabalhadoras que deveriam disseminar esses saberes para a população do entorno. Em outras palavras, alargaram-se as tarefas realizadas no espaço doméstico para a comunidade.

Nota-se que, no trabalho das agentes, o imbricamento entre as tarefas domésticas e o trabalho é mais orgânico, na medida em que o espaço da casa se confunde com o do trabalho. Os tempos de trabalho e de vida se confundem, sendo regido não por uma imposição externa, mas por um trabalho necessário, culturalmente estabelecido como um trabalho feminino. Vale lembrar que o trabalho das agentes no Nordeste refletiu positivamente na redução dos índices de mortalidade, se tornando paradigmático para a implantação do programa para o restante do país.

Assim, quando a política se amplia para os grandes centros urbanos essa indistinção entre tempo de trabalho e vida e sua inserção comunitária também serão valorizadas. No entanto, as mulheres que participaram da implantação do programa no Rio de Janeiro têm trajetórias de trabalho e formação distintas das ACS do programa inicial no Nordeste.

Durão et al. (2013), em pesquisa com as ACS no município do Rio de Janeiro, constataram a extensa trajetória de trabalho que possuíam antes de se tornar agentes, bem como o aumento da sua escolarização<sup>6</sup>. Quando

---

<sup>6</sup> A maioria dos postos de trabalho relatados pelas ACS nessa pesquisa remetia à baixa qualificação e a níveis intensos de exploração do trabalho, redundando em pouco ou nenhum reconhecimento social. As ocupações que desempenharam iam desde 'operadora de caixa' até 'costureira', passando ainda por 'empacotadora', 'balconista', 'auxiliar de serviços gerais', 'secretária', 'garçonete', 'telefonista', 'vendedora' e 'autônoma'. As autoras constataram ainda o aumento de escolarização das agentes, pois a maioria possuía o ensino médio e muitas estavam cursando, ou já tinham cursado, o ensino superior (Durão et al., 2013).

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

comparavam o trabalho anterior com o trabalho como ACS, sublinhavam como fundamental para continuar na profissão a possibilidade de estar perto dos filhos e de diminuir o tempo gasto com transporte no deslocamento para o trabalho.

As autoras constataram ainda que a compreensão do trabalho das agentes como necessário e útil à população era considerada de maneira positiva pelas entrevistadas, quando faziam uma comparação entre o trabalho atual e os trabalhos anteriores que realizavam. No entanto, a interseção com a vida dos moradores também tornava o trabalho mais intensivo, uma vez que eram cobradas, a todo o momento, a dar conta das inúmeras solicitações da população.

A compressão entre espaço e tempo no trabalho das ACS possibilitava gerir as tarefas, sejam domésticas, sejam do trabalho, com certa autonomia, possibilitando driblar o trabalho prescrito. No trabalho como ACS, essa maior flexibilidade do tempo, possibilitava às agentes priorizar os usuários que demandavam maior atenção: passar um período maior de tempo nas visitas com idosos, conversar com calma com as gestantes, enfim, orientar o trabalho por outra ótica que não a da racionalidade do tempo do relógio. No trabalho doméstico, possibilitava almoçar em casa, dar atenção aos filhos nas tarefas escolares, ou seja, gerir com maior liberdade a dupla e muitas vezes tripla jornada de trabalho<sup>7</sup>.

O trabalho assim gerido passou, em 2013, a ser visto pelos gestores da Reforma da Atenção Primária, nas palavras de Thompson (1998, p. 272), “como perdulária e carente de urgência” e para aumentar o número de usuários

---

<sup>7</sup> Durão et al. (2013) constataram que as ACS também desenvolvem outras atividades remuneradas como forma de complementação de renda, dentre elas, técnica em enfermagem, diarista, comércio e as realizadas em seus próprios lares, como confecção de bolos, salgados, entre outras.

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

atendidos, deu-se início à marcação do ritmo e da disciplina do trabalho pelo número de famílias que devem ser atendidas. Insufinou-se, assim, a competição entre as equipes do PSF como forma de aumentar a produtividade, e o espaço de trabalho passou a se concentrar nas Clínicas de Saúde da Família.

Com isso, reduziu-se o campo de trabalho onde as agentes tinham maior autonomia de atuação, qual seja, a sua interligação com a comunidade. Na Reforma de 2013, o trabalho das agentes passou a ser mais fragmentado, pois as atividades realizadas tornaram-se mais normatizadas, havendo um parcelamento das suas atribuições, significativos de um trabalho simplificado (Fonseca, 2013). O trabalho ao ser gerido por metas reduziu o tempo das visitas domiciliares e os grupos educativos que as ACS realizavam com a comunidade. Acrescenta-se ainda que o aumento da demanda, aliado à necessidade de atingir as metas impostas, limitam uma escuta de qualidade junto à população. Assim, todo um saber tácito, tais como saber ouvir, ter sensibilidade, jogo de cintura, passa a não ser valorizado. Assinala-se também que uma das principais funções das ACS na equipe de saúde da família, antes da Reforma, era trazer a singularidade dos usuários que muitas vezes se distanciam das imagens construídas sobre as suas necessidades. Atualmente, com a implantação dos sistemas de informação (Vitacare, MedicineOne, entre outros) delimita-se a priori os aspectos para os quais deve convergir a atenção profissional das agentes (Fonseca, 2013).

Essas transformações vêm modificando tanto a experiência, quanto a cultura do trabalho das agentes. Ressalta-se que as agentes vinham solidificando uma identidade profissional na qual o elo com a comunidade era o principal pilar de diferenciação do seu trabalho. Passado pouco mais de uma década, a cultura do trabalho arduamente construída vem desmoronando. Acredita-se que ao recuperar a história dessas trabalhadoras, construindo, no dizer de Thompson (2012) uma história “vista de baixo”, resgatam-se não só as

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

experiências que vêm conformando a sua cultura profissional, como também lança-se luz sobre os limites e as possibilidades dessas mulheres se contraporem às políticas em curso.

### 3. Considerações finais

Buscou-se, neste artigo, levantar algumas questões que estão postas no trabalho das ACS e que instigam análises futuras, clareando as evidências históricas que permeiam o fazer dessas agentes. Thompson (1981) assinala que são falsas as teorias que se distanciam do real, sendo necessário, para a compreensão do objeto do estudo, formular perguntas adequadas às evidências. Nesse sentido, finaliza-se este artigo com alguns questionamentos, os quais em diálogo futuro com a realidade poderão ser mais bem respondidos. As mudanças no processo de trabalho que estão ocorrendo no município do Rio de Janeiro são uma tendência para o PSF nos grandes centros urbanos? Como vem se dando o imbricamento entre trabalho produtivo e reprodutivo na contemporaneidade? Como a nova regência do tempo/espço afeta o trabalho e a vida das agentes? A experiência de trabalho das agentes será capaz de contrarrestar as políticas em curso? Quais são as estratégias acionadas pelas agentes para a reprodução ampliada da vida? Em que medida as habilidades tácitas dessas trabalhadoras serão, ou não, valorizadas com as novas formas de gestão? Está havendo uma transição de gênero no trabalho das ACS, sendo a desvalorização do elo com a comunidade significativa da progressiva entrada dos homens na profissão?

### Referências

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

DEDECA, Claudio Salvadori. Tempo de trabalho e gênero. In: Costa, A. A. et al (orgs.) *Reconfiguração das relações de gênero no trabalho*. São Paulo, CUT Brasil, 2004, p.21-54.

DURÃO, Anna Violeta e MENEZES, Clarissa Alves Fernandes. Relações de gênero e profissionalização: o fazer-se das agentes comunitárias de saúde no município do Rio de Janeiro. In: *Trabalho, Educação e Saúde*, no prelo.

DURAO, Anna Violeta et al. Qualificação e Gênero no Trabalho das Agentes Comunitárias de Saúde. In: MOROSINI, Marcia Valéria et al (Orgs.). *Trabalhadores Técnicos da Saúde: aspectos da qualificação profissional*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2013, p.421-446.

DURÃO, A. V.; MOROSINI, M. V. e CARVALHO, V. O ACS e o conceito de comunidade na configuração de sua qualificação. In: VIEIRA, Marcia Valéria; DURÃO, Anna Violeta & LOPES, Márcia. (Orgs.). *Para Além da Comunidade: o trabalho e a qualificação do Agente Comunitário de Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 201, p.119-159.

FONSECA, Angélica Ferreira. *O trabalho do agente comunitário: implicações da avaliação e da supervisão na educação em saúde*, 2013. Tese (Doutorado em Saúde Pública) Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

FRADER, Laura L. Edward P. Thompson: Classe, gênero, historicidade e capacidade de agir. In: Chabud-Rychter Danielle et al (Orgs.). *O gênero nas Ciências Sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*. São Paulo, Unesp; Brasília, Universidade de Brasília, 2014, p. 403-419.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e gênero*. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão social do trabalho. *Cadernos de Pesquisas*, Vol 3, n. 132.set/dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso 5 de agosto de 2013.

KUENZER, Acacia. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. In: *Trabalho, Educação e Saúde*, Vol. 2, no1, Rio de Janeiro. P.127-135.

LIMA, Jacob Carlos & MOURA, Maria do Carmo. Trabalho atípico e capital social: os agentes comunitários de saúde na Paraíba. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n.1, p.103-133, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 12 de out. 2014.

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

LOPES, Márcia Raposo; DURÃO, Anna Violeta & CARVALHO, Valéria A disputa sobre os sentidos do trabalho e da formação dos agentes comunitários de saúde. In: VIEIRA, Monica; DURÃO, Anna Violeta & LOPES, Márcia (Orgs) Para Além da Comunidade: o trabalho e a qualificação do Agente Comunitário de Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2011, p. 161-208.

MATTOS, Marcelo Badaró. E.P. *Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

MARTINS, Ângela Maria Souza e NEVES, Lúcia Maria Wanderley. *Materialismo histórico, cultura e educação: Gramsci, Thompson e Willians*. In: Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 51, 2013, p. 341-359. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/>. Acesso em: 22 jan. 2015.

MOROSINI, Márcia Valéria. *Educação e Trabalho em Disputa no SUS: a política de formação dos agentes comunitários de saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2010.

MOROSINI, Márcia Valéria et al. *Trabalhadores técnicos em saúde: aspectos da qualificação profissional em saúde*. Rio de Janeiro, EPSJV, 2013.

NEVES, Mary Yale et al. Relações sociais de gênero e divisão sexual do trabalho: uma convocação teórica- analítica para estudos sobre a saúde das trabalhadoras da educação. In: Gomez, Carlos Minayo; Machado, Jorge Mesquita Huet e Pena, Gilvane Lopes (Orgs). *Saúde do trabalhador na sociedade brasileira contemporânea*. 2013, p. 495-515.

RAMOS, Marise. *A pedagogia das competências: Autonomia ou adaptação?* São Paulo: Cortez, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*. São Paulo, Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan W. Experiência. In: Silva, Alcione Leite da; Lago, Maria Coelho de Souza e Ramos, Maria Regina Oliveira (Orgs.). *Falas de gênero: teoria, análises, leituras*. Florianópolis, Editora Mulheres, 1999. p.21-55.

TARTUCE, Gisela Lobo Baptista Pereira. *Tensões e Intenções na Transição Escola Trabalho: um estudo das vivências e percepções de jovens sobre o processo de qualificação profissional e (re)inserção no mercado de trabalho na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.

# Trabalhonecessário

Issn: 1808 - 799X  
ano 14, número 23 – 2016

TIRIBA Lia. De “olho” nos sujeitos-trabalhadores e suas experiências de classe: contribuições ao campo trabalho e educação. In: Revista Trabalho Necessário on line, ano13, n. 20, 2015, p.119-145. Disponível em: <http://www.uff.br/trabalhonecessario>, acesso em: 29 set. 2015.

TIRIBA Lia e SICHI Bruna. Os trabalhadores e a escola: de olho na(s) cultura(s) do trabalho. In: *Trabalho e educação de jovens adultos*. Tiriba L. e Ciavatta, M. (orgs). Brasília, Liber livro e UFF editora, 2011, p. 239-275.

THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. São Paulo, Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_ *Costumes em comum*. São Paulo, Companhia das letras, 1998.

\_\_\_\_\_ *A formação da classe operária inglesa/2. A maldição de Adão*. Zedi, São Paulo, Paz e Terra, 2012.

\_\_\_\_\_ *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

VENDRAMINI, Célia Regina e TIRIBA, Lia. Classe, cultura e experiência na obra de E.P. Thompson: contribuições para a pesquisa em educação. In: Revista HISTEDBER on line, Vol 14, nº 55.p.54-70. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/>. Acesso em: 5 de out de 2015.

VIEIRA, Monica; DURÃO, Anna Violeta & LOPES, Márcia (Orgs.). *Para Além da Comunidade: o trabalho e a qualificação do Agente Comunitário de Saúde*. Rio de Janeiro: EPSJV, 2011.